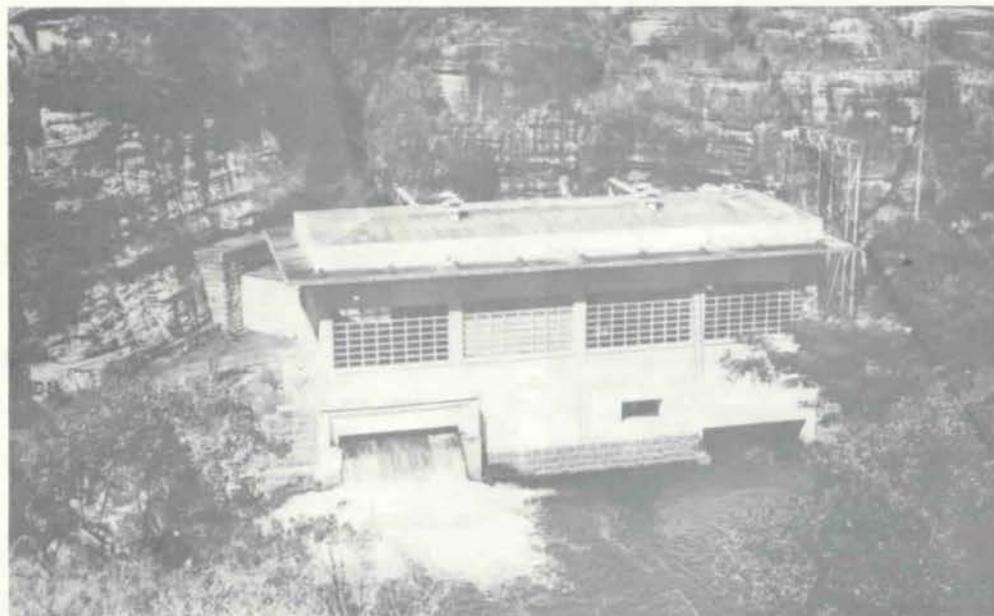


COPEL

ANO XII - Nº 77 - ABRIL - 1981

INFORMAÇÕES



A usina encravada entre paredões verticais.

CHAMINÉ:
Sezinando com
a palavra | 5

Duas novas invenções
no Oeste | 2

MORAES guarda
com estilo | 6

O grande VALLE | 6

USINA DE SÃO JORGE: IMPORTANTE PARA PGO | 3

O trabalho da SMA | 8



Prédio da SMA.

EULÁLIO: desapropriação era comigo | 4



Parte da equipe de avaliadores da Empresa.

Com a finalidade de promover negociações junto ao Governo espanhol para obtenção de financiamentos para a construção da Usina Hidrelétrica de Segredo, estiveram em viagem àquele País o Diretor Presidente da COPEL, Engenheiro Paulo Procopiak de Aguiar, e o Diretor Econômico-Financeiro, Antonio Carlos Romanoski. Com conclusão prevista para 1987, a UH Segredo é a unidade geradora de seu porte com o custo do kW mais barato, na atualidade, dentro do Brasil, e suas turbinas gerarão 2.520 mil kW de energia, o que colocará o Paraná numa situação privilegiada no setor energético brasileiro.

Ainda na Espanha, o Presidente da Empresa participou da 22ª Reunião Anual da Assembléia Geral do BID, aproveitando também para manter vários contatos com banqueiros e industriais estabelecidos no País.

"PATINHAS" – APLICAÇÕES DE ENGENHARIA ECONÔMICA

A apresentação do sistema "Patinhas" às áreas da Empresa aconteceu no auditório do Edifício-sede, no último dia 25 de fevereiro.

A aplicação foi desenvolvida na SSP pelo DPST – Departamento de Sistemas Técnico-Científicos, para auxiliar Engenheiros Técnicos no exame dos aspectos econômicos de uma tomada de decisões.

Voltada para utilização em terminais de computador, o que lhe permite ser interativa, convencional e utilizada diretamente pela pessoa que tem o problema, no seu local de trabalho, "Patinhas" compõe-se, basicamente, de três módulos:

- Matemática Financeira
- Seleção de Projetos sem Restrição de Orçamento
- Seleção de Projetos com Restrição de Orçamento

Os aspectos relevantes de aplicação foram expostos durante duas horas para cerca de oitenta pessoas das áreas técnicas.

Ao final da apresentação, participantes experimentados no uso dessas técnicas ratificaram a importância das mesmas e sugeriram, também, abordagens alternativas para utilizá-las.

DE FOZ DO AREIA

Bacharelados pela Fundação Faculdade Municipal de Administração e Ciências Contábeis de União da Vitória, colaram grau, no dia 13 de março último, cinco colegas nossos da Empresa. À cerimônia de entrega de diploma, compareceram o Secretário das Finanças, Dr. Édson Neves Guimarães – parainfo dos formandos em Economia, e o Deputado Estadual, Airton Cordeiro – parainfo dos formandos em Administração de Empresas.

Eis os novos graduados: Walter Pohl (ED/UVI) – bacharel em Administração, Domingos Natal Pasquali (ED/UVI), Sérgio Carvalho Monteiro (ED/UVI), Renato Antonio Gadore (COHAR) e Gilberto Mulinaro Cabral (SE/FOA) – bacharéis em Economia.

Depois do "Pardal", do "Baitaca" e outros inventos mais – sempre atendendo normas de segurança e eficiência na realização dos serviços – aparecem, agora, duas criações no oeste do Paraná. Criatividade em pauta.

Parece que a CIPA/SRV conseguiu mesmo despertar a criatividade do pessoal lotado naquela área, com a realização do I Concurso Interno de Segurança – CIS.

"Além de ser uma oportunidade, é também um desafio para testar a capacidade de cada um e o potencial de cada área", dizia o informativo 2 da Cipa, anunciando o concurso. Dos muitos trabalhos apresentados, venceram o concurso, Assis Chateaubriand (19º lugar) e Marechal Cândido Rondon (2º lugar), levadas em consideração a praticidade do equipamento apresentado, sua funcionalidade e exigência de segurança.

Os objetivos que nortearam o I CIS: despertar a criatividade no campo da segurança, como medida educativa para a prevenção de acidentes; conscientizar o trabalhador da sua responsabilidade em assumir a segurança do trabalho como algo intrínseco a cada um; aproveitar os trabalhos aprovados, para serem postos em prática em outras áreas, através de instrumentos normativos adequados, além da divulgação da Cipa Cascavel.

TROMBA DE ELEFANTE

Este equipamento, assim batizado por seus inventores, foi desenvolvido com a finalidade de reduzir os riscos e o tempo, quando da substituição de isoladores em linhas de distribuição, classes 13,8 e 34,5 kV.

De manuseio simples, exige apenas um cuidado especial quanto à fixação na cruzeta. Além de seu fim específico, Tromba de Elefante serve, também, para içamento de materiais. E entre as vantagens que já puderam ser configuradas, eis algumas de maior importância:

- Tromba de Elefante permite que a escalada da estrutura seja feita apenas por um electricista – para a troca do isolador.
- Evita um maior esforço físico e possíveis torções musculares em função da posição incômoda, no caso de condutor lateral.
- Condiciona o electricista a usar as duas mãos na execução do trabalho.
- Reduz a possibilidade de o condutor soltar-se da cruzeta.
- Reduz o tempo gasto na troca e os riscos de acidentes.



Representantes das equipes de Assis Chateaubriand e Marechal Cândido Rondon, com os troféus da conquista.

TAMANDUÁ

Outra inovação nesse tipo de serviços, foi apresentada pelos empregados da Agência de Marechal Cândido Rondon e Plantão de Pato Bragado (sic).

Trata-se do "Tamanduá", assim denominado pelos criadores, em função de sua forma. O equipamento é muito útil para suspender os cabos das Linhas de Distribuição de 34,5 ou 13,8 kV, no caso de cabo com enforcamento – quando da substituição de isoladores de pino em cruzeta de aço.

O Tamanduá é uma importante inovação no campo técnico mas que, para maior coordenação e segurança do trabalho, é recomendável seja usado com o mínimo de duas pessoas.

AQUISIÇÕES DA BIBLIOTECA

Eis algumas das publicações recentemente adquiridas pela DVBI:

ADMINISTRAÇÃO

- BARNARD, C.I. *As funções do executivo*. 1979. 322 p.
- KAST, F.E. & ROSENZWEIG, J.E. *Organização e administração: um enfoque sistêmico*. 1976, 2 v.

ECONOMIA

- KAHN, H. *The next 200 years; a scenario for American and the world*. 1976. 241 p.
- MALAN, P.S. et alii. *Política econômica e industrialização no Brasil (1939/52)*. 1980. 535 p.
- TOFFLER, A. *The third wave*, 1980, 544 p.

ENERGIA

- BRASIL. Ministério das Minas e Energia. *Balanco energético nacional*. 1980. 104 p.
- MYERS III, D. *O debate sobre energia nuclear: questões morais, econômicas, técnicas e políticas*. 1980. 203 p.
- PARANÁ. Conselho Estadual de Energia. *Plano energético do Paraná*. 1980. 86 p.
- WORLD ENERGY CONFERENCE, 10., Istanbul, 1977. *World energy resources 1985–2020*. 1978. 249 p.

ENGENHARIA ELÉTRICA

- CHECA, L. M. *Linhas de transporte de energia*. 1979. 1 v.
- HARPER, G. E. *Técnica de las altas tensiones*. 1978. 2 v.
- IEEE. *Surge protection in power systems*. 1979. 118 p.

RESERVATÓRIOS

- STROBEL, O.M. *Dimensionamento e operação de reservatórios através de método de restrições probabilísticas e regra de decisão linear*. 1979. 163 p.

COMPANHIA PARANAENSE DE ENERGIA



COPEL

COPEL
INFORMAÇÕES

Boletim bimestral editado pela Assessoria de Relações Públicas – ARP
Editoria e Arte Rua Coronel Dulcídio 800, 10º andar – 80.000 CURITIBA PARANÁ
Editor Responsável Rubens R. Habitzreuter – CONRERP Nº 342

IMPORTÂNCIA DE SÃO JORGE ESTÁ NA ÁGUA DE PGO

Ela está encravada entre os "canyons" do Rio Pitangui, muito próxima da barra do Rio São Jorge e à sua volta a natureza foi pródiga, pois a paisagem é exuberante.

Dezoito quilômetros de Ponta Grossa são percorridos numa estrada cascalhada, muito estreita, com alguns pontos de tráfego difícil.

A pequena viagem é compensada com a chegada à usina e a recepção cordial e amigável que o Menegotto faz questão de oferecer.

ORGULHO DA USINA

O Carlos Gilberto Menegotto, encarregado da usina, pertencente à Prada, tendo chegado à unidade do São Jorge em março de 1970.

Em 17 de outubro de 73, a usina passou para a Copel e o Menegotto ficou sem saber o que iria acontecer.

— "Você sabe como é... eu estava satisfeito, porém, quando soube da mudança fiquei "sem pai nem mãe". Me aliviei quando à tarde do mesmo dia chegou aqui o engenheiro Oldenir e disse que eu iria continuar."

A limpeza e a ordem, mostram o cuidado que o Menegotto tem com a usina. Ele tem orgulho dela.

Os demais operadores, o Alfredo, Alberto, Edson, Luís Normando e o Aroldes, são excelentes companheiros e dão muita importância ao trabalho que aqui fazem.

E é sobre a importância da usina que gera 2.300 kW, que o Menegotto faz questão de salientar.

— Se ela parar por 10 minutos, falta água na cidade de Ponta Grossa, pois a captação de água da Sanepar, que fica perto daqui, é alimentada pela energia do São Jorge.

ACIDENTE FOI PARA A HISTÓRIA

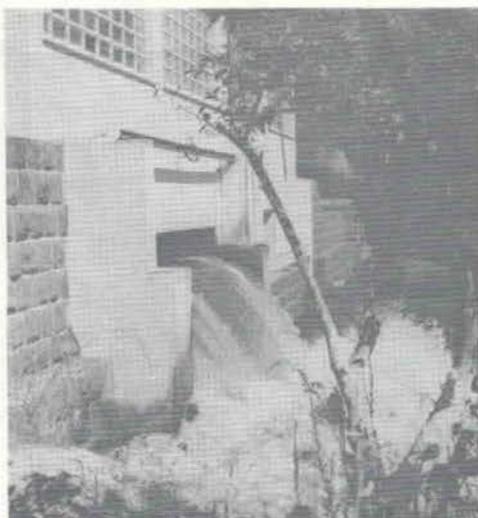
Foi em 1970, já passados 11 anos, que o grupo gerador nº 1 estourou. — Ele tinha entrado em operação em 1945 — afirma Menegotto — dois anos antes que a segunda máquina, que trabalha até hoje sem problemas.

De lá para cá tudo é normalidade, pois nenhum acidente voltou a ocorrer. Sobre aquele acidente o Menegotto lembra bem, e melhor que ele, o Aroldes de Paula Ferreira, que ainda é operador da usina.

Eram 16 horas de um domingo.

Tudo estava calmo e normal até que saiu fora o sistema. Dentro da sala dos geradores, o Aroldes ouviu um ruído muito forte. A máquina do grupo nº 1 estava disparando e atingindo 3.600 rotações por minuto, deslocando um pólo da roda polar e prendendo-a contra a carcaça. A máquina estourou e a água invadiu tudo. Por sorte a porta principal estava aberta, tendo escoado a água e com ela o Aroldes que foi projetado para fora com toda violência.

O Menegotto lembra que fora o susto, seu companheiro nada sofreu.



Canal de fuga.

AQUI É O CÉU

— Morei 10 anos na usina, de 70 até o ano passado. A necessidade de ir morar na cidade foi porque meu filho mais velho entrou no ginásio. Afirmou o Menegotto.

— A Zeli, minha esposa, gostava demais daqui, cuidava das galinhas, das plantações e as crianças cresciam saudáveis.

Sempre que ela tem oportunidade vem passear na usina.

Quem mora agora na usina é o Sr. Alfredo. Ele é operador desde 1954 — começou em Palmital que está sob as águas do Iguçu.

Depois de Palmital — conta o Seu Alfredo — fui transferido para Salto Grande do Iguçu, que hoje está também sob as águas do reservatório de Foz do Arica.

O seu Alfredo está há 14 anos na empresa e fala com orgulho que recebeu uma medalha de "10 anos sem acidentes".

— Isto é o céu — afirmou — toco minha gaita de boca e meu violão e, como os peixes que minha esposa, a D. Júlia, pesca e prepara com muito gosto.

ARCA DO TESOURO

No caminho entre a usina e a barragem, o Menegotto parou para mostrar a Caverna do Sumidouro. É uma grande fumaça, de difícil acesso, formada por altos e verticais paredões de pedra.

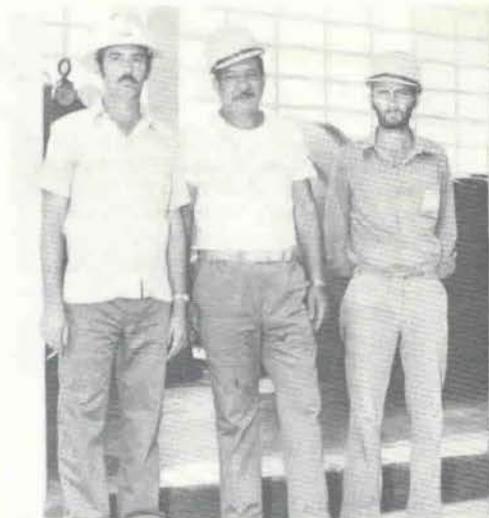
Na sua base tem uma fenda que é a abertura de uma caverna.

— Já entrei lá — afirma o Menegotto.

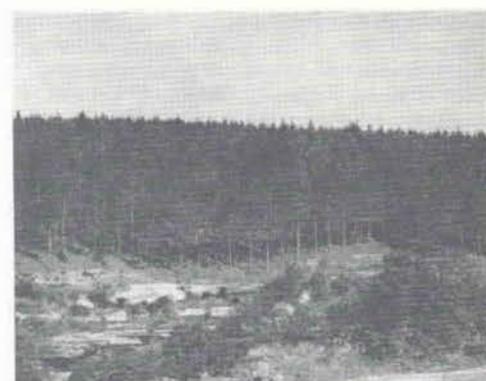
— Dizem que os Jesuítas deixaram em seu interior uma arca cheia de ouro.

— Entrei munido de uma lanterna, percorri algumas dezenas de metros, mas nada encontrei.

— A riqueza daqui é mesmo a beleza do lugar.



Equipe de operadores



Reflorestamento de pinus na área da usina.



A natureza que cerca a usina.



Barragem da usina São Jorge.



Caverna do sumidouro e a arca do tesouro.

EULÁLIO - BANDEIRANTE DA EMPRESA

Apedrejado, emboscado, ameaçado, quase morto por engano...

Tudo isto faz parte do passado profissional de Eulálio de Almeida Pinto, 24 anos de COPEL e um dos primeiros "Avaliadores" da Empresa. Seu local de trabalho, até poucos anos, era o interior do Estado, na zona rural, no "matão". Sua "freguesia" era composta de posseiros e pequenos agricultores, eternamente desconfiados de tudo e de todos. Jagunços, pistoleiros de aluguel, salteadores em geral (era ele quem fazia o pagamento aos agricultores que tinham suas terras desapropriadas para passagem de Linhas de Transmissão ou que seriam inundadas pelos reservatórios das usinas), eram os "adversários". E Eulálio, simpático e bem-humorado, hoje confortavelmente instalado na segurança da cidade grande, acha graça do passado, e tem como meta principal do seu trabalho, transmitir toda a sua experiência à jovem equipe de 18 Avaliadores que comanda.

Ensina algumas lições, dando a receita exata do Avaliador, que deve ser "extrovertido, simpático, humilde, e acima de tudo honesto, além de saber usar muita psicologia no trato com os agricultores". O trabalho do Avaliador consiste em fazer o primeiro contato com o proprietário de uma certa faixa de terra que deva ser desapropriada, necessária à execução de uma obra qualquer, e explicar ao dono — geralmente pessoa de pouca cultura e muita desconfiança — que aquele pedaço de terra é necessário ao progresso da região, "que por ali vai passar um fio de luz que vai chegar na casa do compadre, lá adiante", conforme explica Eulálio, e outras coisas do tipo.

Agora, convencer alguém de todas estas coisas, e "dobrá-lo" para a assinatura da "Autorização de Passagem", é tarefa das mais expiônicas. "É preciso saber ganhar a pessoa, tornar-se amigo dela, manifestar de todas as formas a boa intenção de afastar, a todo custo, a idéia do golpe, do 'passar para trás', arma com que todo 'matuto' se mune quando trata estranhos", diz Eulálio. E até que isso ocorra, o Avaliador suporta muitos sacrifícios, tais como "tomar chimarrão sempre que convidado, mesmo que já tenha tomado 10 naquele dia, jamais negar-se a um 'traquinho' oferecido pelo dono da casa, mesmo que a pessoa não costume beber, atender pedidos de remédios necessários e não existentes na região", e outros do mesmo gênero.

Às vezes, a recompensa de se saber haver ganho um amigo. Outras, mesmo sem saber, poder ser vítima de uma emboscada, preparada por uma pessoa visitada, e ainda não totalmente convencida da honestidade e bons princípios do visitante.

É Eulálio quem conta que "certa vez, saímos (eu e mais dois pistoleiros) para fazer o pagamento da indenização a alguns proprietários, e de repente, uma emboscada, logicamente para pegar a mala com os cheques das indenizações. Mataram um outro por engano, e eu para disfarçar um pouco a minha cara — tive de cortar e pintar o cabelo, além de raspar o bigode". E como se não bastassem estes riscos, próprios da profissão, ainda há outros, como ser confundido com um policial: "Quando eu cheguei numa fazenda, em Coronel Vivida, entrei e fui andando à procura do proprietário, para tratar com ele da desapropriação de um pedaço de terra para a implantação de uma torre de suporte de Linhas. Aí, de repente, dou de cara com uma Winchester apontada para o meu peito. Até explicar que eu não era policial, quase morro sem saber o motivo".

Destes episódios, dignos de "westerns" de John Wayne, está cheia a carreira de Eulálio, que acha que ainda está vivo hoje "graças, principalmente, ao meu caráter honesto, o que, felizmente, sempre tive; e para esse pessoal do sertão a honestidade vale mais que qualquer outra coisa: a honra de vencida a desconfiança — que é natural a qualquer um, mas neles é muito mais arraigada — o resto é fácil e ganha-se um amigo;



houve casos em que, depois de explicado o assunto, proprietários faziam questão de que as Linhas de Transmissão passassem por suas terras. E graças a Deus, casos deste tipo eram muito mais frequentes que aqueles em que havia problemas".

No início de sua carreira, Eulálio, como todos os outros avaliadores, não tinha experiência alguma neste tipo de trabalho. O primeiro serviço que fez como Avaliador, foi estabelecer a necessidade de cada cidade paranaense quanto ao suprimento de energia, em 1957, ano em que começou na Empresa. Daí para frente, sempre tendo como professor a própria dificuldade em realizar seu trabalho, foi uma longa caminhada que ainda prossegue, transmitindo toda a sua experiência, acumulada nestes anos. Quando começou, era praticamente "um leigo dentro de um serviço altamente especializado e que requer muito tato e diplomacia de quem o faz", e a peça principal do esquema "era o agrônomo que saía com a gente na Rural para conversar com o pessoal; e por entender mais que os outros, era ele quem decidia tudo". Depois, "pegando o jeito", Eulálio tornou-se, praticamente, um desbravador, um conquistador de amigos e um incansável batalhador, pelos programas de expansão energética da Companhia, pois "afinal, seu eu não acreditasse no que dizia, como iria convencer os outros?".

E, graças ao "jeito" que Eulálio adquiriu, não foram poucos os problemas de terras, evitados em todos estes anos. Afinal, chance não faltou. Eulálio tratou com os agricultores das mais diversas regiões, desde os desapropriados de Salto Osório. Foz do Areia e outras usinas construídas pela COPEL nestes últimos tempos, até o pessoal situado no caminho das Linhas de Transmissão. Para dar conta de todo esse volume de serviço, era comum Eulálio sair a campo com sua equipe às 4 da manhã e voltar à meia-noite, como aconteceu quando a missão era convencer posseiros (na região do então futuro reservatório de Salto Osório) a abandonarem a terra, em troca de indenização "que não era baixa; era sempre a um preço justo, que nem deixava o desapropriado na miséria, sem terra, nem levava o desapropriado à falência". Tanto era assim, que "os posseiros formavam reuniões entre eles mesmos, para debaterem o assunto, que sempre era solucionado pacificamente".

Há casos, sem dúvida, pitorescos na vida desse Avaliador, que por muitos anos lidou diretamente com o verdadeiro homem da terra, aquele de cultura rude, à primeira vista grosseiro e inamistoso, mas para quem, muitas vezes, Eulálio servia até de conselheiro político — "Volta e meia, os agricultores me perguntavam, até, em quem deviam votar nas eleições" — graças à confiança que conseguia angariar com essas pessoas, depois de "quebrado o galho". E em meio a tantas adversidades, tanta dificuldade imposta pelo abismo cultural que separa a comunidade urbana da rural, uma curiosidade: foi na cidade grande que Eulálio enfrentou seu maior problema, em toda a sua carreira, no exercício da profissão:

— "Foi em Santa Felicidade, quando um juiz ordenou a desapropriação de um terreno cujo dono não queria assinar a Autorização de Passagem da Linha de Transmissão Campo Comprido — Usina Governador Parigot de Souza. Um belo dia, eu todo bacana de terno branco, fui num fusca da Companhia falar com o proprietário. Junto comigo, em outro carro, foram sete policiais, todos armados. Chegando lá, achei-o em cima de um morrinho, meio alto (o morrinho) e todo enlameado. Chamei-o para baixo, para conversarmos, e não é que ele pediu para que eu subisse lá? Ficamos no 'eu não subo — eu não desço' até que, finalmente, ele ganhou. Lá fui eu subir o morro para falar com ele. Mostrei-lhe a Tomada de Posse dada pelo juiz e avisei que, conforme manda a Lei, com aquele documento a Linha poderia ser instalada. Desci o morrinho e já na saída, quando entrava de volta no carro, a mulher dele despediu-se da gente com uma saravada de pedras, acertando parte em mim, parte no carro, que ficou até meio amassado. Este foi o 'freguês' mais insociável que já tive".

Sempre afastado por longos períodos da família quando trabalhando no "interiorzão", como ele próprio gosta de chamar, Eulálio compensava a ausência dos parentes convivendo fraternalmente com seus companheiros de trabalho. Quando desapropriava terras a serem alagadas pelos reservatórios das usinas, Eulálio fazia de seus colegas da COPEL sua própria família: "Não inventaram nada pior para o homem que a solidão", afirma ele. E este relacionamento gerou episódios até certo ponto engraçados, como a "corrida de formigas", levada a efeito no "formigódromo" de Foz do Areia: "Cada um apostava cinco numa formiga; dada a partida, a gente ia atrás cotucando. Eu sempre levava azar; escolhia uma formiga gorda, saudável, e sempre perdia para o outro".

Grande apreciador de apostas e de uma "cachetinha", Eulálio sempre tinha um baralho à mão para as horas de folga e as noites. Por falar em noite, "houve uma em que o chefe do escritório da COPEL em Foz do Areia resolveu melhorar a segurança do canteiro de obras, pois os peões das empreiteiras, quase todos, andavam portando todo tipo de arma. E chamou a polícia, que ao invés de entrar na obra e dirigir-se à parte onde ficavam os alojamentos das empreiteiras, enganou-se e foi parar nos alojamentos do pessoal da COPEL. Sem mais perguntas, reviraram e desmontaram tudo; não acharam arma alguma, mas confiscaram uma espingarda de pressão — dessas de pegar passarinho — e, sob veementes protestos, o meu canivetezinho de descascar laranjas. Lógico que não poderia deixar de haver "aprontação": um dos nossos companheiros desmontou, literalmente, o guarda roupa do chefe do escritório, e espalhou o conteúdo do armário e das malas que havia dentro pelo quarto inteiro. Ao tomar conhecimento do ocorrido, a "vítima" foi informada de que tinha sido a polícia, ao procurar armas".

SEZINANDO - DE VOÇOROCA, DO BOLINHO DA GRAXA, DA FAMÍLIA



Admitido na Companhia Força e Luz do Paraná em 1º de dezembro de 1947, Sezinando Gonçalves de Oliveira, o "Dico", como é mais conhecido pelos companheiros, aposentou-se em 9 de fevereiro de 1981, aos 49 anos de idade, "sou meio novo, mas já trabalhei muito nesta vida", depois de ficar 22 anos como barrageiro em Voçoroca, última atividade exercida na Empresa.

Casado com D^a Alice, mulher também já acostumada às agruras da vida praticamente enclausurada no "matão", "Dico" está morando hoje em São José dos Pinhais, mas não largou totalmente, nem largará, segundo seus planos, o convívio com a região: ele vai cuidar de sua chácara, situada a poucos quilômetros da barragem.

CI descobriu a nova morada de Sezinando, e foi conversar com ele, um pouco preocupado com o carnê de aposentadoria, contando as aventuras, histórias, preocupações e anseios, que agora você vai conhecer.

CI - Como era o trabalho no seu tempo?

Sezinando - *Vocês não podem calcular. Naquele tempo, tudo era difícil. A estrada para a usina era uma tristeza, não havia carro que passasse. Aliás, quando eu entrei para a Força e Luz, só tinha uns caminhõezinhos Chevrolet que conseguiram chegar lá em cima, e ainda assim com a estrada seca, o que era raro. O transporte de comida, de papéis da usina e tudo o mais, era feito em lombo de cavalos, que não encahavam e nem derrapavam.*

CI - O que você fazia, quando entrou na Companhia?

Sezinando - *Antes, ajudava o meu pai, que trabalhava com extração de madeira. Na Companhia, entrei como ajudante de cozinha, trabalhando junto com o pessoal que abria uma estrada perto de um lugar chamado Quebrada Funda. Fiquei lá uns sete anos, que foi o tempo que durou a obra. Eu descascava batata, lavava panela - que naquele tempo eram uns painéis de ferro, pesados "prá danar"; não é que nem hoje, que as panelas são de alumínio, bem "levianinhas". Eu era o primeiro a acordar pois tinha que fazer o café da peozada. Como não tinha pão, o substituto era "bolinho da graxa": eu pegava um saco de farinha, de 50 quilos, misturava com água e outros ingredientes, e botava de colherada na frigideira. Era bolinho e café tropeiro. Até quando eu saí, há pouco tempo, o pessoal mais antigo lá da barragem sempre me pedia para fazer aquele bolinho. E agora, depois de aposentado, até já estou esperando o pessoal; é só eles descobrirem que eu estou morando aqui, e eles vêm. Pode ficar tranquilo.*

CI - Então você era o "Dico, rei dos bolinhos"?

Sezinando - *É, mais ou menos. Os peões também gostavam da minha feijoada, que eu preparava de vez em quando. Eles ficaram bem apertados quando eu não fui mais trabalhar na cozinha da obra.*

CI - E foi para onde?

Sezinando - *De lá, fui trabalhar na Usina de Chaminé, como ajudante de operador. Trabalhei muito tempo cuidando do "trolinho" e da casa de visitas. Lá, cansei de varar noite quando chegava um pessoal da cidade no meio da noite, e eu tinha que levantar para atender todo mundo. Fazia café, bolinho, arrumava cama, varria chão, tudo o que minha mulher faz hoje, eu que fazia. Trabalhei bastante, também, em Salto do Meio. Em 1959, fui para a barragem da Voçoroca, e de lá não saí mais.*

CI - Qual era o seu serviço lá?

Sezinando - *Bom, a gente trabalhava em dois, eu e outro companheiro. Durante o dia, a gente dividia o serviço, que era cuidar do nível da água, cuidar da barragem e fazer umas pinturas de vez em quando. Para o serviço à noite, a gente revezava um dia de cada. Mas sempre tocava para mim o trabalho na Semana Santa, Natal e outros dias assim. Eu tinha muito azar. As piores noites, de tempestade, também sempre tocavam para mim. Foi numa noite dessas que eu tomei o maior susto da minha vida: na Subestação que tem perto da represa, tinha queimado um fusível e eu saí com um dos meus piás, que levava uma lanterna, dessas assim de pilha, para alumiar o local. Eu desarmeí o fusível queimado com uma garra de madeira, própria para o serviço, e coloquei um novo. Quando liguei a chave, deu um estouro, um clarão de botar medo que queimou a garrinha que eu ainda segurava no fusível. Meu guri, que estava a uns nove metros atrás, saiu correndo, e eu também dei-tei carreira, que nem cavalo atigado me pegava. Ai, esperêi passar a chuva e fui trocar o fusível de novo.*

CI - Nessa época, você já havia casado?

Sezinando - *Caséi antes de ir para Voçoroca. Sabe como é, a gente sempre vivendo no meio do mato, sozinho, é muito triste. O silêncio de um lugar isolado é bom, mas tem uma hora, principalmente de noite, que um barulhinho de gente dentro de casa, fazendo companhia para a gente, é muito bom. Até o ronco da mulher dormindo, às vezes, é gostoso.*

CI - E qual o saldo do seu casamento?

Sezinando - *Nove filhos, três homens e cinco mulheres (não, seis. São tantos que chega uma época que a gente até se enrola nas contas).*

CI - Qual foi sua maior alegria nestes anos de trabalho?

Sezinando - *Foram tantas que a gente, de repente, nem sabe dizer. Mas uma das minhas maiores alegrias foi quando chegou o primeiro rádio lá no alojamento da usina. Um peão levou um rádio, danado de bom, e juntou todo o resto do pessoal em volta, tudo na ponta dos pés, se espichando para*

"ver" o rádio tocar o programa do Belarmino e da "Gabriela". Isso foi no tempo que rádio era que nem televisão colorida: pobre só via na vitrina. Outra grande alegria que eu tive foi quando me pagaram, pela primeira vez, o 13º e a Participação. Foi um dinheirinho inesperado, e no dia que me pagaram eu dei até pulo de alegria. Fiquei emocionado também, de saber que para a gente, enfiado assim no mato, sem ninguém nunca ver, ainda mandavam um dinheirinho a mais.

CI - Alguma decepção?

Sezinando - *É meio que quase uma decepção. É que eu me aposentei, e pensei que tudo ia se resolver meio logo. Até agora, nem o carnezinho eu recebi. O negócio está meio enrolado, e eu fico meio amarrado também. Não posso cuidar de minha chacinha tranquilo, sem saber se terei dinheiro para voltar. Mas tudo o que demora um pouco para se resolver, no fim é mais gostoso quando sai. A gente saboreia melhor uma comida quando ela demora para ficar pronta.*

CI - E no tempo em que era você quem cozinhava, era a sua mulher que esperava o almoço ficar pronto batendo na mesa com o garfo?

Sezinando - *(rindo) Não. Quando a gente casou, eu não era mais da cozinha. Mas de vez em quando, eu bem que dou meus passeios pela cozinha, fazendo a bôia. Eu não me aperto. Acho até que cozinho melhor que a minha "vêia", né? (D^a Alice entra na sala, dizendo: "O Dico de vez em quando ajuda na casa; o que ele acha mais divertido é passar o vassourão no chão").*

Sezinando - *(interrompendo) É que eu inventei um modo novo, mais moderno, de passar o vassourão, que cansa menos: a gente segura o cabo com uma das mãos, roda o corpo e atira o vassourão longe; antes dele desgarrar, a gente "puxa ele" de volta. O jeito da Alice cansa mais: ela segura o cabo do vassourão com as duas mãos, e vai passando devagarinho. (D^a Alice, atenta, protesta: "Mas quando ele passa o vassourão, tem que tirar tudo da frente, senão ele quebra; os vassourinhos, onde tem que passar miudinho, ele deixa para mim; debaixo da cama também. Ele até experimentou tirar o cabo do vassourão, para ele poder passar e pegar do outro lado, mas não deu muito certo").*

CI - E o seu futuro agora, depois que sair a aposentadoria?

Sezinando - *Eu quero terminar os muros da casa, que eu comprei com as economias do salário da COPEL, mas preciso do dinheiro da aposentadoria. Depois, vou cuidar da minha chacinha, lá perto da Voçoroca, pessoalmente. Já tem umas lavours plantadas lá, pelos meus piás: feijão, milho, alface. E o meu lugarzinho de trabalho vai ser lá, perto da "minha represa". Afinal, o lugar onde a gente morou 22 anos, não pode ser largado assim, de uma hora para outra.*

Sezinando, sua esposa Alice e um dos nove filhos.

DEDICAÇÃO: PRINCIPAL ARMA DO MORAES

O jogo no estádio do América, em Joinville, era duro. Bola cruzada da direita. A defesa do adversário pára, não interceptando o centro. A torcida do Caxias levanta, pressentindo a emoção do gol. A bola cruza toda a área, pelo alto. O goleiro espera: se sair do gol, pode ser encoberto; se ficar, da sorte ou azar. A bola vem caindo. Moraes, médio-volante do Caxias, penetra na grande área. (num lapso de tempo, imagina-se correndo para o alambrado, braços erguidos, gritando o gol de empate que marcaria. Entre os torcedores, imagina poder ver Nedi, sua namorada e fã incondicional de seu futebol (Moraes a viu, pela primeira vez, sentada nas arquibancadas, enquanto ele suava a camisa, correndo atrás da bola). Moraes imagina a alegria incontrolada de Nedi, ao vê-lo fazendo o gol. O largo sorriso em seus lábios, o aplauso só para ele, o melhor jogador do mundo).

Francisco Moraes Filho, o personagem dessa história, é Guarda de Segurança do edifício-Sede da COPEL, ex-craque do Ferroviário, da época de Paulista no gol, Fernando Knaipp, Juarez, Caçula, Bídio, Humberto e outros na "linha", e companheiro de Jairo - ex-goleiro do Coritiba - no futebol catarinense ("O Jairo foi o único de minha época que deu certo").

O futebol perdía um volante e a COPEL ganhava um Guarda em 7 de fevereiro de 1973. "Futebol, agora, só pelo time da DAD, nos torneios da COPEL". Por amor à família, Moraes trocou as chuteiras e calções por um revólver e cassete ("Nunca precisei usar nenhum dos dois, graças a Deus"). Entrevistado quando retornava à Sede depois de uma "puxada" prova de História ("Deu para tirar uma boa nota"), Moraes considera-se um bom aluno ("É costume passar por média"), apesar do pouco tempo para estudar: "Durante o plantão noturno, feito em revezamento com os outros guardas, sempre que sobra um tempinho, dou uma estudada na matéria, tendo presente a responsabilidade que o meu serviço coloca na minha mão".

Seu objetivo escolar, depois de concluído o Supletivo, é "tirar um curso técnico, de Desenho ou outro parecido". Moraes gosta de desenhar, e entre os desenhistas que mais admira, destaca "o



'seu' Albano, que pode dar aula a muita gente por aí, metida a desenhista". Mas os desenhos que faz, Moraes não mostra a ninguém, talvez por sua timidez.

Auto-definindo-se como "pessoa muito caseira", Moraes raramente sai de casa nos finais de semana, às vezes para "tomar um sorvete com os filhos" ou "dar uma voltinha no Passeio Público". Mas o que Moraes gosta mesmo é de uma pescaria: "Não inventaram negócio melhor para relaxar; de vez em quando, a gente vai para Joinville, visitar os parentes da Nedi, e invariavelmente saímos para pegar caranguejo no mangue. Aí é uma farrá: a gente volta todo enlameado, mais preto do que branco - embora eu já seja meio crioulo. Quando minha sogra era viva, ficava uma fera, pois o pessoal sujava a casa toda".

Sempre que pode, Moraes também relaxa assando "uma costela que ninguém consegue fazer igual", nos fundos de sua casa, no Portão. Sem contar com uma churrasqueira, "empilho uns tijolos, faço o fogo, boto a grelha em cima, e espero assar tomando caipirinha e cerveja, pois costela sem caipirinha, cerveja e um bom papo não tem graça nenhuma".

Altamente treinado na profissão que exerce hoje, com continuadas aulas de tiro, judô, relações públicas e psicologia, Moraes considera-se um bom Guarda, assim como foi bom jogador. Jamais enfrentou problemas no seu serviço, não precisando "jogar duro". Não tem queixa de ninguém, é amigo de todos e bastante sociável, apesar de tímido. Adotando a COPEL como sua segunda casa - afinal, passa 12 horas por dia na Empresa -, Moraes não tem intenção de sair tão cedo, nem para voltar ao futebol, uma das suas maiores paixões: "Já estou velho demais para voltar; 35 anos de idade é muita coisa".

Fervoroso torcedor do Colorado, acha que o futebol no seu tempo era melhor. "Hoje, os times só pensam em empatar, em não perder. Assim todos ganham o seu 'bichinho', o técnico tem seu emprego garantido, e a torcida que se dane".

A propósito, o lance descrito no início da matéria converteu-se em gol, "o mais bonito que já fiz na minha vida", com Moraes pegando de "simpulho" a bola que a defesa não cortou. Foi em 1964, no jogo Caxias x América, "clássico" de Joinville, que terminou empatado em 1 a 1, resultado "que não serviu para ninguém"; o campeão daquele ano, como era tradicional em Santa Catarina nos anos 60, foi o Metrópol, de Criciúma.

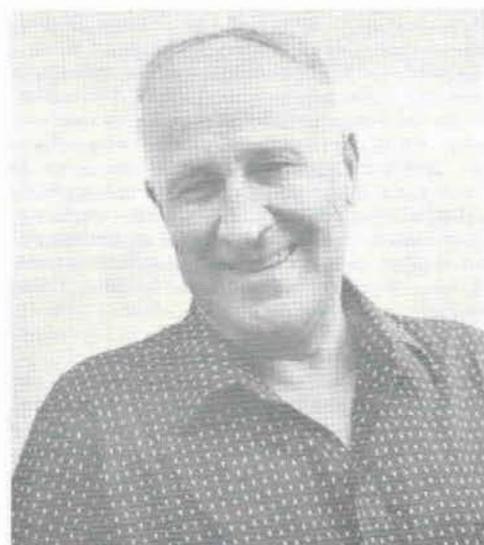
E no instante em que Moraes via a bola, vindo justamente para o seu lado, certamente não imaginaria que 17 anos depois, estaria de volta a Curitiba - de onde saíra emprestado pelo Ferroviário ao Caxias - casado com Nedi e com um casal de filhos (Francinedi, 14 anos e Cyro, 2 anos). Certamente naquela época também imaginaria seguir com o futebol ("Chegar à Seleção, por que não?"), carreira já configurada, mas "profissão muito instável", conforme chegou a concluir, mais tarde.

O OUTRO LADO DE UM VALLE DE MAIS DE MEIO SÉCULO

"Lembro-me que a CFLP foi pioneira em Curitiba no ramo da venda de eletrodomésticos pelo crediário. Foi quando inauguraram a usina de Chaminé. Havia muita energia sobrando na cidade; ninguém tinha aparelhagem elétrica porque custava muito caro. Acontece que a Companhia precisava usar a energia para alguma coisa. Então, na agência Marechal Deodoro - havia agência lá, sim senhor - abriu-se uma verdadeira loja. Houve um caso, inclusive, de uma pessoa que comprou um rádio, artigo caríssimo na época, e não pagou até hoje. Nem os cobradores encontraram o tal "cliente"; é que o sistema de crediário era muito bagunçado".

Alberto Valle, curitibano que em junho completa 70 anos de idade, está festejando seu 51º ano de serviços na Empresa (admitido na CFLP em 1930). Em plena forma e com disposição para festejar trabalhando, outros aniversários mais, graças à atitude que tomou em março de 1947, quando resolveu parar de fumar os "três maços diários de Belmont ou Continental liso". Foi admitido como leiturista ("eu era um dos quatro; dividíamos a cidade em quatro setores para executar o serviço") e guarda saudade daqueles tempos, "quando a gente podia atravessar a rua 15 lendo jornal, sem perigo de atropelamento". Curitiba tinha, em 1930, cerca de 9 mil consumidores.

Em 1934 - contou-nos o Alberto - época da Intentona Comunista, a agitação reinante na cidade, fez com que o faturamento atrasasse 3 meses. "E naquela época, fazíamos a fatura manuscrita, uma por uma, com cópia em carbono,



Para colocarmos o serviço em dia, foi necessário mais de um mês com horas extras todos os dias, trabalhando sem parar".

Casado há 42 anos com dona Edite, Alberto Valle tem um casal de filhos - o filho é contador e tem 24 anos de Empresa - e seu passatempo preferido é cuidar do cachorro, dos passarinhos e dos 8 netos. Dizendo-se um privilegiado por morar "no mato em pleno centro de Curitiba", Alberto tem sua casa quase ao lado do edifício Sede da Empresa, "com um bosque na frente." Mora ali há 31 anos.

Conservador e tradicionalista, não tem planos de aposentar-se; "aposentar-se é morrer", diz ele.

DESBUROCRATIZAÇÃO

Vinte e quatro milhões de documentos foram eliminados dos arquivos da Empresa e outros 312.500 constantes das pastas individuais de empregados e ex-empregados, em 1980.

Em expansão, agora, o atendimento à área de engenharia, onde vários programas estão em andamento, como a microfimagem das plantas de subestações e usinas, bem como a criação de um catálogo indexado das mesmas para pesquisas dos usuários.

Esse sistema, conjugado aos recursos da tecnologia da computação eletrônica de dados, prepara um modelo de Empresa para atender a COPEL no ano 2.000.

O programa de microfimagem foi introduzido na Empresa como parte integrante do seu sistema gerencial. Redução de espaços e arquivos, mostra uma vantagem.

DESENVOLVIMENTO DE PESSOAL

A DAD informou que 93,8% - 338 profissionais - do quadro de pessoal da Empresa participaram, em 1980, do Programa de Desenvolvimento Gerencial, destinado a reciclar e estimular o autodesenvolvimento dos ocupantes de cargos de chefia.

Para o pessoal administrativo foram realizados mais de 420 atividades, atingindo 3.274 empregados (44,1% do quadro da Companhia).

gurizada



Régis Lisbôa dos Santos, nascido em 26.10.76, é filho de Alina e Alair Lisbôa dos Santos, de Cascavel.



Débora Cecchele Lima, 14 meses, é filha de Mara Lourdes (SRV) e Ernandes V. Lima.



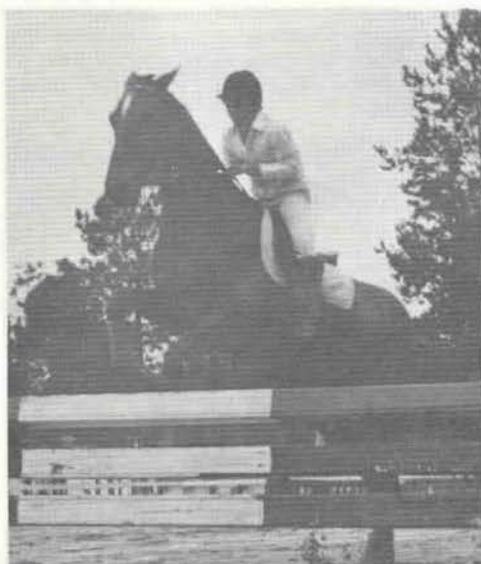
Francis Rafael Yokohama Jimenes, nascido em 20.03.80, é filho de Célia e Orides Jimenes, da SRM.



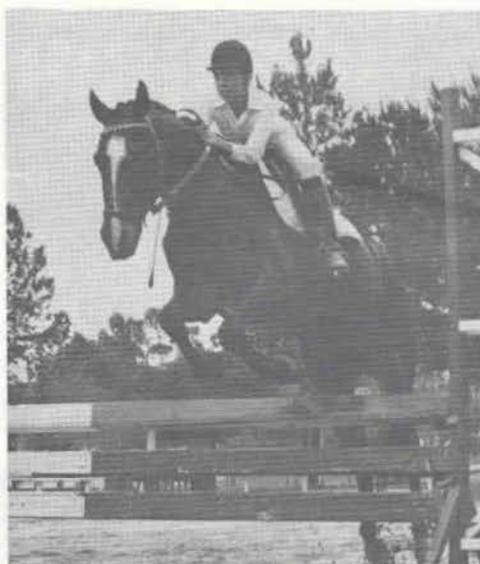
Gustavo Luís Horn, que nasceu em 24.09.76, é também de Cascavel. Seus pais são Cleci e Enio Luiz Horn.



Rodrigo Marianni, nascido em 01.02.78, é de Cascavel e filho de Julieta e Eli Marianni, ambos da SRV.



Salim Mussi Fº (14.09.73) filho de Gláucia e Salim Mussi, da Sede. Menor cavaleiro do Paraná, premiado na Sociedade Hípica.



Jorge Murad (28.08.71) filho de Gláucia P. e Salim Mussi, Sede. Campeão Paranaense, Classe A, de 1980.

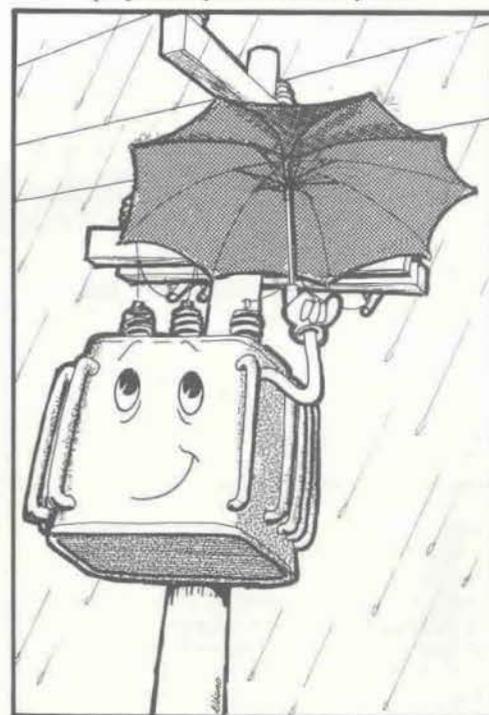
TRANSFORMADORES EM PERIGO!

Há muitos anos, uma progressista cidade do Estado exigiu da COPEL uma acelerada expansão de sua rede de distribuição para suprir a demanda sempre crescente. E a Empresa cumpria à risca a programação de obras. Tanto que em um só dia chegavam à cidade 3 caminhões carregados de transformadores. O responsável pela região, jubiloso e ativo por poder atender as reivindicações da cidade e por cuidar da energia da região, quis demonstrar sua preocupação pelas coisas da COPEL e ordenou, com ares não menos imponentes que o progresso, aos seus comandados:

- Procurem cobrir todos os transformadores que estão aí nos caminhões, para que não molhem, está começando a chover!!!

Alguém, ouvindo atentamente a ordem, ariscou um aparte, alertando o atencioso engenheiro, com certo ar de ironia:

- Não tem problema que chova. Vem vindo, logo aí, um caminhão carregado de guarda-chuvas. Vai dar para cobrir todos os transformadores e eles não vão molhar nunca mais. Ainda vai sobrar guarda-chuva para cobrir todos os outros transformadores que já estão pendurados nos postes.



SMA: vanguarda com manutenção



Hamilton, Edward e Pompeo Carvalho de Aguiar, este, Assistente do SMA.

À primeira vista, parece ser a SMA uma Superintendência cujo principal objetivo, dentro da Empresa, é manter em funcionamento tudo o que a Empresa precisa para permanecer em atividade. Parece ser uma Superintendência onde estão lotados batalhões de profissionais, desde eletricitistas consertadores de linhas caídas ou transformadores defeituosos, até mesmo mecânicos especializados em consertos de máquinas de escrever. Inegavelmente, a denominação leva a um conceito amplo, algo como uma grande oficina, destinada a colocar nos eixos tudo o que deles estiver fora.

Ledo engano. A Superintendência de Manutenção da COPEL raramente sai a campo, e mesmo assim, como órgão de apoio às subdivisões da Empresa, encarregadas dos reparos. A principal tarefa desta unidade, que conta com 280 pessoas em seu quadro, é prevenir consertos, de forma a otimizar os trabalhos de geração e transmissão de energia.

É claro que também atua diretamente na "linha de frente", mas em ocasiões muito especiais: programar paralisações em grandes Subestações (de 69 kV para cima) para serviços de manutenção nas linhas ou nos transformadores, programar paralisações em usinas para manutenção de geradores, ordenar estas paralisações de acordo com a demanda de energia, a fim de que o fornecimento não sofra solução de continuidade, e outras tarefas afins.

Está afeta à SMA, assim, a programação de utilização da Subestação Móvel da COPEL, única no gênero na Região Sul, por seu porte, mobilizada toda vez que uma Subestação, por necessidade de manutenção, precisa ter um dos transformadores desligados, e sabendo-se de antemão que os restantes não terão condições de atender satisfatoriamente à demanda. A propósito, a Subestação Móvel encontra-se, atualmente, em Cascavel.

O Laboratório Físico-Químico, no Atuba, encarregado de fazer todos os experimentos e testes com materiais e equipamentos de geração e transmissão, é parcela importante da Superintendência. Atua em testes de corrosão de materiais metálicos — grampos, parafusos, etc. —, testes de durabilidade de óleo isolante para transformadores, e como um dos trabalhos mais recentes, a análise dos gases e cinzas gerados, além do carvão utilizado, pela usina de gaseificação de carvão mineral, estudada pela COPEL. A partir da obtenção desses dados, a SMA tem condições de estabelecer parâmetros de durabilidade e resistência dos materiais a serem utilizados, indicando logicamente o mais recomendável, prevenindo assim a necessidade de consertos e/ou reparos.

Também é incumbência da área realizar serviços de tratamento e regeneração de óleos isolantes, que com o passar do tempo, contaminam-se dentro dos transformadores ou perdem parte do seu efetivo poder de proteção. Cabe a esta Superintendência estudar o material e aplicar a solução ideal para o caso.

Aliás, criar uma efetiva Engenharia de

A Superintendência de Manutenção — da Diretoria de Operações — localiza-se em prédio de 4 pavimentos na rua Barão do Rio Branco 534.

Compreende atividades que, segundo o Edward Adolf Bitner — chefe da DVDN, "merecem muito mais do que um simples relato: merecem ser divulgadas no CI, com destaque".

Copel Informações, neste espaço, reserva a todo o pessoal da SMA, a manutenção do do aspecto muito importante que sua tarefa representa no contexto da Empresa. E através deste registro, uma homenagem a cada um e, em particular, aos dos bastidores.

O agradecimento do CI ao Superintendente Antonio Otelo Cardoso, ao Bitner e ao Hamilton, que contaram um pouco da SMA, tornando possível essa divulgação.

Manutenção é uma das grandes metas do SMA, um "aparelho" de pesquisas capaz de, com a coleta e comparação de dados, achar soluções novas (rápidas e baratas, também) para velhos problemas. Para tudo isso, a SMA é dona de uma mapoteca que contém nada menos que 15 mil documentos, em sua maioria plantas de todas as Subestações e transformadores em uso em toda a região paranaense atendida diretamente pela Empresa. Este arsenal de informações, devidamente registradas e catalogadas, dá a necessária retaguarda para que a Superintendência tenha em mãos, num prazo máximo de 90 segundos, a planta com a localização exata de um certo transformador de uma Subestação qualquer do Paraná, que venha a precisar de reparos, podendo determinar, com segurança, quando, como e onde fazer o correto reclamado.

É também sob a orientação da SMA que são utilizados dois Termovisores, em inspeções que visam prevenir um reparo mais encorpado. O Termovisor consiste na transposição para uma tela, do tipo da de uma televisão — em cores — da situação térmica de um certo particular de uma LT. A configuração térmica da área é feita através das cores, onde uma determinada tonalidade dirá aos técnicos se no ponto focalizado há necessidade de uma verificação mais acurada.

Há, também, o trabalho de recepção de usinas, quando são checados todos os equipamentos e componentes das diversas unidades, com os competentes testes de qualidade do material adquirido. A principal responsabilidade neste trabalho, é conferir todas as especificações dos equipamentos com o real desempenho, determinando-os posteriormente à aceitação ou não, por parte da COPEL. Com o final dos trabalhos em Foz do Areia, os profissionais lotados neste setor deverão ser remanejados para a Usina de Segredo, o segundo grande empreendimento da Empresa no rio Iguaçu.



O termovisor.



Laboratório Físico-químico.

A conservação de instalações civis, que compreende, inclusive, prosaicos enchimentos de buracos nas estradas de acesso às usinas, está a cargo da SMA. Claro que também neste campo há atividades mais gabaritadas. Atualmente, uma das preocupações deste setor é proceder a elevação das torres de sustentação da LT União da Vitória, cuja fiação passa sobre o reservatório de Foz do Areia. Mas ao lado desta trabalhosa tarefa, há outras, como a recém efetuada troca do telhado da Usina Mourão I, ou o reforço das fundações de 47 casas na Usina de Figueira. Além disso, são corriqueiras as pinturas das instalações imóveis, troca de vidros, verificação de pisos e outros trabalhos, mais para práticos que para técnicos.

Um trabalho de fôlego, sem dúvida. E às vezes, até arriscado, como as periódicas inspeções de todas as Linhas de Transmissão do Estado (quatro inspeções durante todo o ano: duas aéreas, em helicóptero, e duas terrestres). Segundo relato do pessoal encarregado das manutenções aéreas, há sempre o risco do acidente com a aeronave, como enroscamento em fios, ou até uma perereca, que pode resolver "visitar" o centro da turbina do rotor: numa das viagens de inspeção, à noite, o ponto de parada foi uma clareira próxima a um lago (as inspeções duram, em média, 15 dias, e são percorridos os 4.500 km de LTs que a COPEL tem no Estado, daí a necessidade do pouso no meio do mato). Durante a noite, uma perereca pulou dentro da turbina do helicóptero. Ao tentar levantar vôo no dia seguinte, nada de o aparelho subir. Saldo da "última viagem" da perereca: o helicóptero ficou quatro dias no chão.

Melhor sorte não têm aqueles que fazem a inspeção terrestre: nas andanças, não é raro encontrar-se uma ou duas cobras por dia. Por serem as inspeções terrestres feitas diretamente pelos CROs, cada um em sua respectiva área de abrangência, é habitual a instituição de um bizarro "campeonato de matança de cobras", onde a equipe vencedora é, obviamente, aquela que conseguir executar maior número delas. Outros riscos que correm estas equipes é o de se perderem no meio do mato, como aconteceu certa vez no interior, quando toda uma equipe teve de ser resgatada através de helicóptero, após ter perdido o rumo.



Usina de regeneração de óleos.